

CANTA BRASIL: ENCONTROS E CONFRONTOS ENTRE A MÚSICA E OS MITOS FUNDADORES BRASILEIROS

TOZZI, Camila Cristina Branquinho Barbosa¹; TOSCANO, Ana Lúcia Furquim Campos²

¹Uni-FACEF Centro Universitário de Franca, Letras/Espanhol; Uni-FACEF Centro Universitário de Franca, Departamento de Letras.cacri.tozzi@gmail.com; anafurquim@yahoo.com.br.

1 INTRODUÇÃO

Ao traçar um panorama da história política brasileira, verificamos como a música foi e continua sendo usada com a função de protestar contra a corrupção, a má administração de alguns políticos e as desigualdades sociais.

A música popular brasileira (MPB) assim como o rock nacional, em diferentes épocas, manifesta uma posição política e social, muitas vezes, divergente de crenças que remontam desde a época do descobrimento do Brasil, em 1500, como de que nossa natureza é uma dádiva divina, somos um povo pacífico e alegre e o Brasil é um país sem preconceitos, embora haja uma miscigenação de raças. Essas crenças são consideradas por Chauí como “mitos fundadores”, ou seja, são narrativas imaginárias vinculadas ao passado que se conservam constantemente presentes a fim de encontrar soluções para tensões e conflitos, no nível da realidade. Conforme a CHAUI (2000, p. 9), o mito fundador

é aquele que não cessa de encontrar novos meios para exprimir-se, novas linguagens, novos valores e ideias, de tal modo que, quanto mais parece ser outra coisa, tanto mais é a repetição de si mesmo.

Assim sendo, enquanto o mito fundador tem como função criar um repertório inicial de representações da realidade, as canções da MPB e do Rock, muitas vezes, questionam essa repetição de valores e ideias que buscam minimizar e/ou solucionar os problemas brasileiros. Assim, por entendermos que, na concepção do Círculo de Bakhtin¹, a linguagem é inerentemente dialógica, podemos afirmar que há canções que não somente retomam esses mitos, como também confrontam, pois, segundo Bakhtin (2002, p. 33), “cada campo de criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade à sua maneira”.

A canção pode ser considerada um gênero do discurso, pois atende a uma finalidade de uma esfera de atividade humana, a artística. Como afirma Bakhtin (2003, p. 268) “Os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem”. Elementos como conteúdo temático, composição e estilo estão intimamente ligados ao enunciado que, inserido em um determinado contexto sócio-histórico-político-cultural, mantém uma relação direta com a vida, com o social. E como há uma

¹ Não nos preocupamos com a discussão sobre autoria das obras do Círculo de Bakhtin, composto por intelectuais como Bakhtin, Volochinov, Medviédev, entre outros.

variedade e heterogeneidade de gêneros do discurso, não é possível delimitar os traços universais de cada gênero.

Todos os campos existentes na sociedade estão intimamente ligados ao uso da linguagem, que pode ocorrer na forma oral e/ou escrita. Os enunciados são concretos não somente porque existe uma relação com o contexto sócio-histórico-cultural-econômico, mas também porque “cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados” (BAKHTIN, 2003, p. 272). Essa relação também se interpõe com ideologias e vozes sociais presentes em determinadas épocas.

A necessidade de expressão do homem é suprida por meio da linguagem. Os falantes consideram a língua como necessária aos participantes da comunicação discursiva. Para que a interação aconteça, é necessário que exista, pelo menos, um falante com um objeto de fala e um destinatário que não é sujeito passivo, pois participa da construção de sentido de um texto, visto que o falante imagina suas preferências, preconceitos e interesses. Há ainda que se considerar a expressividade do locutor, ou seja, a relação valorativa que se estabelece com o enunciado:

[...] a palavra integral não conhece um determinado objeto na sua globalidade. Só pelo fato de eu ter falado dele, a minha relação para com ele deixou de ser indiferente, tornando-se interessada e ativa. Por isso a palavra além de designar o objeto como algo que se torna presente, através da entonação (a palavra realmente pronunciada vem obrigatoriamente associada a determinada entonação que decorre do próprio fato de ser pronunciada) exprime ainda minha atitude valorativa em relação ao objeto, positiva ou negativa, e, com isso, o põe em movimento, fazendo dele um elemento da eventualidade viva[...] (BAKHTIN, 1997, p. 95).

Para exemplificar como são construídas essas relações dialógicas no gênero canção e a expressividade do locutor a fim de exprimir um tom emotivo-valorativo, apresentamos, a seguir, a canção *Que país é esse*, composta por Renato Russo.

Nas favelas, no senado
Sujeira pra todo lado
Ninguém respeita a constituição
Mas todos acreditam no futuro da nação
Que país é esse?
Que país é esse?
Que país é esse?
No Amazonas, no Araguaia iá, iá,
Na Baixada Fluminense
Mato Grosso, nas Gerais e no
Nordeste tudo em paz
Na morte eu descanso, mas o
Sangue anda solto
Manchando os papéis, documentos fiéis
Ao descanso do patrão
Que país é esse?
Que país é esse?
Que país é esse?
Que país é esse?
Terceiro mundo se for
Piada no exterior
Mas o Brasil vai ficar rico
Vamos faturar um milhão
Quando vendermos todas as almas

Dos nossos índios num leilão
Que país é esse?
Que país é esse?
Que país é esse?

Disponível em: <<http://legiao-urbana.musicas.mus.br/letras/46973/>>. Acesso em 18 maio 2010.b

A canção acima é uma das tantas representações que temos como música de protesto, pois apresenta como conteúdo temático problemas políticos, entre eles a corrupção e a promessa de o Brasil ser o país do futuro, embora haja ilegalidade no Senado, lugar que deveria ser o exemplo para os brasileiros, pois é a instituição que elabora as leis da nação.

Por meio da seleção de recursos linguísticos como a oposição entre os pronomes “ninguém” e “todos” no enunciado “ninguém respeita a constituição/ mas todos acreditam no futuro da nação”, confronta-se à ideia de que somos “um povo ordeiro e pacífico” (CHAUÍ, 2000) e, remetendo ao mito de “país promissor”, critica e ironiza esse discurso, denunciando, em outros trechos, as mazelas políticas e desigualdades sociais.

Assim sendo, por meio do estilo e da estrutura composicional inerente ao gênero canção, produz-se uma expressividade cujo tom crítico dialoga com o ouvinte e o faz refletir sobre nosso país. O refrão “que país é esse”, também evoca o questionamento de que o país está repleto de problemas em setores diversos, como políticos, econômicos ou sociais.

A repetição dessa pergunta evocada no refrão constitui, portanto, a expressividade de um locutor insatisfeito com sua pátria e capaz de criticar discursos anteriores como “todos acreditam no futuro da nação.”

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Este estudo divide-se em duas partes: a primeira constará de uma revisão bibliográfica sobre o mito fundador, alguns períodos da política no Brasil, (anos 50, 60, 70 e 80) o surgimento e a importância da MPB e do Rock no Brasil. Após essa revisão, estudaremos as reflexões do Círculo de Bakhtin sobre dialogismo e gêneros do discurso para posterior análise de canções que se opõem aos discursos que valorizam o Brasil, ou seja, aqueles que representam mitos advindos desde o descobrimento do país.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após estudo iniciais, verificou-se que os mitos fundadores estão presentes desde à época da colonização. As músicas dos anos 60 e 70 marcaram uma época importante no Brasil, a época da ditadura e repressão militar e a época da censura. As músicas foram analisadas sobre a ótica do dialogismo e gêneros do discurso de Bakhtin. O trabalho se encontra em andamento.

4 CONCLUSÃO

Após o exposto, fica claro que alguns estilos musicais - rock, samba, entre outros- servem não apenas como entretenimento para as pessoas. Se analisarmos a

fundo, veremos que muitas músicas, questionaram mitos fundadores de uma maneira sutil.

As canções impulsionam de forma discreta, as pessoas a questionarem se tudo o que se diz do Brasil é mesmo verdade. Se o país realmente é de pessoas calmas e ordeiras, ou que se plantando tudo dá, entre outros.

A canção "Que país é esse?" analisada, deixa bem claro que no Brasil as coisas não são exatamente da maneira que parece ser, ou que dizem ser. Para chegar nessas considerações finais, só foi possível, graças ao estudo de mitos fundadores e do gênero canção.

5 REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail M. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 10. ed. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Annablume, 2002.

BRAIT, Beth (Org). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

CHAUÍ, Marilena. *Brasil: fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

CARVALHO, José Murilo. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Brasiliense; Publifolha, 2000.

NOVAIS, Fernando A. História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea. In: MORITZ, Lilia (Org.). *História da vida privada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PRADO JR, Caio. *Formação do Brasil contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

RUSSO, Renato. Que país é esse? Disponível em: <<http://legiao-urbana.musicas.mus.br/letras/46973/>>. Acesso em 18 maio 2010.